

Pragmatismo ou polarização? Eleição do Entorno e lições para 2026

» GABRIEL AMARAL

Cientista político, doutorando em administração pública e sócio da i3P Risco Político

O cenário político polarizado entre Lula e Bolsonaro pode ser interpretado de duas formas, especialmente quando se analisa o contexto do Entorno do DF após as eleições municipais do último domingo. A primeira interpretação sugere que essa polarização nacional se reflete em todos os níveis da política, e o caráter conservador do Entorno é um reflexo direto da popularidade do bolsonarismo. Dentro desse raciocínio, o sucesso dos partidos de centro-direita na região pode ser visto como uma extensão do apoio ao ex-presidente Jair Bolsonaro, cujas pautas conservadoras ressoam com as preocupações dos eleitores locais.

Há uma segunda interpretação possível: o embate ideológico entre Lula e Bolsonaro, tão central na política nacional, pode não influenciar diretamente as escolhas eleitorais no nível local. Nesse contexto, os eleitores do Entorno tendem a optar por políticos que priorizam questões práticas e imediatas, como saúde, educação e transporte, independentemente de suas afiliações ideológicas, favorecendo aqueles que mantêm o status quo e estão mais alinhados com os interesses locais.

Essa segunda interpretação ajuda a entender o cenário eleitoral do Entorno, que, desde 2018, tem visto uma consolidação dos partidos de centro-direita nas prefeituras da região. Em 12 municípios estratégicos, o União Brasil, o PL e o PP

emergiram como as forças dominantes, refletindo a busca do eleitorado por soluções pragmáticas e rápidas para problemas cotidianos. O Entorno faz parte do estado de Goiás, mas sua dependência socioeconômica é do DF, milhares de trabalhadores atravessam diariamente as fronteiras entre essas regiões em busca de serviços e emprego, intensificando a necessidade de políticas públicas que melhorem a mobilidade e os serviços básicos. Nesse sentido, os partidos que prometeram eficiência administrativa e soluções concretas acabaram sendo favorecidos, aproveitando-se da proximidade com a capital federal e suas demandas compartilhadas.

Por outro lado, a esquerda enfrenta grandes dificuldades em captar o apoio do eleitorado no Entorno. A incapacidade de eleger prefeitos nos principais municípios da região evidencia uma desconexão entre as pautas progressistas e as preocupações imediatas da população local. Partidos como o PT, que tem grande influência no cenário político nacional, não conseguiram traduzir suas grandes propostas em ações que atendam diretamente às necessidades locais. Isso sugere que os eleitores do Entorno, em sua maioria, preferem o pragmatismo de partidos que oferecem respostas rápidas aos seus problemas diários, deixando de lado os debates ideológicos. A esquerda, se quiser reconquistar relevância na região, precisará reformular

sua abordagem, adaptando suas propostas para dialogar com as demandas concretas do eleitorado.

Essas eleições demonstram que o comportamento eleitoral no Entorno não é determinado apenas pela ideologia, mas, sim, pela percepção de quem pode fornecer soluções tangíveis. Com as eleições de 2026 se aproximando, a tendência de continuidade dos partidos de centro-direita no Entorno parece cada vez mais forte. Os partidos conservadores têm consolidado seu espaço ao entregar respostas práticas aos problemas locais, como a precariedade dos serviços públicos e a necessidade de uma gestão eficiente. Nesse cenário, os partidos que não se adaptarem à realidade local correm o risco de perder ainda mais relevância, já que os eleitores estão focados em resultados, e não em discursos ideológicos distantes.

Independentemente de qual das duas interpretações se adote — polarização nacional refletida nas escolhas locais ou prioridade por pragmatismo sobre ideologia —, o recado das urnas para os partidos de esquerda no Entorno do DF é claro: é preciso repensar suas estratégias e focar nas demandas reais da população. Para sobreviver politicamente na região, a esquerda precisa "pensar onde o pé pisa", ajustando suas propostas para atender às necessidades cotidianas dos eleitores, em vez de insistir em pautas amplas que não ressoam com a realidade local.

As palavras falham um ano após o massacre de 7 de outubro

» RAFAEL ERDREICH
Cônsul Geral de Israel em São Paulo

As palavras falham. Um ano se passou desde o massacre de 7 de outubro. Inúmeros artigos foram escritos, reportagens foram ao ar, testemunhas foram entrevistadas e, ainda assim, não há palavras que realmente capturem os horrores daquele dia.

Quando terroristas fortemente armados invadem pequenas comunidades, indo de porta em porta para torturar, mutilar, assassinar e queimar vivos civis inocentes, que adjetivos poderiam descrever esses atos? Quando mulheres e homens jovens são perseguidos por horas em um festival de música apenas para serem baleados, estuprados e feitos reféns, existe um termo preciso para essa depravação? Quando crianças pequenas e idosos são feitos reféns, arrastados para um destino inimaginável nos túneis terroristas do Hamas, existe vocabulário para expressar essa desumanidade?

As palavras falham. Os números podem ser mais claros. No início da manhã de 7 de outubro de 2023, aproximadamente 6 mil terroristas do Hamas e seus cúmplices entraram no sul de Israel. Durante um tumulto brutal, quase 1,2 mil pessoas foram massacradas — 364 delas no festival de música Nova — e 251 foram feitas reféns.

Os números não podem quantificar os danos causados diretamente às pessoas afetadas. É possível contar os órfãos criados naquele dia, mas não a profundidade de sua dor. A quantidade de cônjuges, parceiros de vida e jovens amantes eternamente separados pode ser contada, mas não a extensão de sua solidão. Uma lista de pais enlutados pode ser feita, mas a agonia que eles suportarão pelo resto de suas vidas é imensurável.

Os números falham. As imagens podem oferecer um testemunho autêntico. Fotos e vídeos, muitas vezes tirados pelos próprios terroristas, criaram alguns dos relatos mais horríveis e desoladores do massacre. Muitas famílias souberam do destino de um ente querido por meio dessas imagens ou ficaram com mensagens de texto e gravações que seus filhos, pais e irmãos enviaram quando estavam prestes a morrer.

No passado, Israel não distribuía imagens gráficas de vítimas de terrorismo por respeito aos mortos, mas teve que mudar sua política após o 7 de outubro. Foi uma decisão difícil, mas necessária diante de um esforço conjunto para negar até mesmo os fatos básicos sobre a carnificina ocorrida naquele dia.

A negação do massacre é um componente integral da campanha para minimizar o perigo que o Hamas e seus aliados representam para o povo de Israel. Essa ofensiva política, legal e cognitiva, cujo objetivo final é negar a Israel o direito de se defender, também contribuiu para a onda de antisemitismo que, de forma chocante, varreu grande parte do mundo logo após o ataque do Hamas.

O 7 de outubro não terminou no dia 7 de outubro. O pesadelo continua minuto após minuto, dia após dia interminável para as 101 mulheres, homens e crianças ainda mantidos como reféns em Gaza em condições horríveis. O tormento de suas famílias — agravado pelas evidências de abusos cruéis e pela recente execução de seis reféns — é insondável.

Para outros israelenses, o 7 de outubro continua, incluindo aqueles que se recuperam de seus ferimentos e as dezenas de milhares de pessoas que esperam para retornar às suas casas danificadas e atingidas, tanto no sul quanto no norte de Israel. Os corações de todo o país sangram toda vez que a notícia de outro soldado morto ou refém assassinado é divulgada.

O ataque a Israel não só não terminou naquele dia, como também se expandiu. Enquanto o Hamas continuava a disparar contra o sul de Israel e as principais cidades, o Irã e seus representantes se juntaram a ele, começando em 8 de outubro, quando o Hezbollah lançou o primeiro de mais de 9,3 mil foguetes e mísseis contra Israel. Esses atos contínuos de agressão prejudicaram a estabilidade em todo o Oriente Médio.

Essa guerra nunca deveria ter acontecido. Depois que Israel se retirou da Faixa de Gaza em 2005, ela deveria ter se tornado um território próspero. Em vez disso, o Hamas decidiu transformar Gaza em uma base para atacar Israel, com o objetivo de destruir o Estado judeu e substituí-lo por um califado.

Além disso, as hostilidades poderiam cessar imediatamente, mas o Hamas se recusa a depor as armas e libertar os reféns, o que salvaria vidas de ambos os lados. Guiado pelo extremismo religioso, o Hamas prometeu repetir o massacre várias vezes, enquanto recentemente foi revelado que o Hezbollah estava planejando um ataque no estilo do 7 de outubro nas comunidades do norte de Israel.

As palavras falham. Os números falham. As imagens falham. Mas uma coisa não vai falhar nem vacilar: a determinação de Israel em evitar que as atrocidades do Hamas se repitam. Nada pode transmitir o que aconteceu em 7 de outubro para aqueles que não estavam lá de fato. Talvez, somente as vítimas, os sobreviventes e as testemunhas possam dar uma ideia dos horrores vividos naquele dia.

“Essas árvores.... Eu vi meninas amarradas com as mãos para trás em cada árvore aqui.... Mais de 30 meninas foram assassinadas e estupradas aqui.” Eis o depoimento de um socorrista, descrevendo o que descobriu perto do festival Nova no documentário *Screams before silence (Gritos antes do silêncio)*, de Sheryl Sandberg.

Quanto ao restante de nós, é importante lembrar o dia 7 de outubro defendendo a verdade, homenageando as vítimas, os heróis e os sobreviventes e, o mais importante, lutando pela libertação dos 101 reféns ainda mantidos pelo Hamas.



Energia renovável: os consumidores e o planeta agradecem

» FRANCISCO LASSALVIA

Vice-presidente de Negócios de Atacado do Banco do Brasil

O crescimento econômico mundial, os episódios recorrentes de altas temperaturas e a eletrificação de setores e atividades são responsáveis por um aumento significativo na demanda mundial por energia elétrica. Segundo dados do relatório da Agência Internacional de Energia (IEA), há a previsão de um aumento de 4% na demanda global em 2024 e, novamente, em 2025, superando os 2,5% de crescimento observados em 2023.

É fundamental que fontes renováveis de energia também aumentem sua expansão rapidamente, para elevar sua contribuição na oferta energética global de 30% em 2023 para 35% em 2025, de acordo com Electricity 2024. A energia solar fotovoltaica está prevista para suprir quase metade do aumento na demanda global de eletricidade nos anos de 2024 e 2025. Junto com a energia eólica, espera-se que essas fontes contribuam com três quartos do crescimento total da demanda. Prevê-se que a parcela somada de energia solar e eólica no mercado amplie de 13% em 2023 para cerca de 18% em 2025.

A matriz energética brasileira é considerada uma das mais limpas do mundo devido à grande participação de fontes renováveis. Segundo a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), as três maiores fontes renováveis que compõem a matriz elétrica do país são a hídrica (55%), a eólica (14,8%) e a de biomassa (8,4%). Dados da Agência Internacional de Energia (AIE) e da Empresa de Pesquisa Energética (EPE) apresentados no Balanço Energético

Nacional 2024 demonstram que 49,1% da matriz energética brasileira é, hoje, composta por energias renováveis. A média mundial fica em 14,7% e, entre os países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), em 12,6%. De acordo com os dados, no ano passado 89% da eletricidade produzida no país veio de fontes renováveis.

Além do atributo ambiental, as fontes de energia renovável impulsionam a economia local por meio da geração de empregos e incentivo ao desenvolvimento regional. Por serem fontes mais abundantes e menos poluentes, essas energias são vistas como limpas, pois utilizam recursos que se renovam naturalmente, promovendo um desenvolvimento sustentável que protege nossa qualidade de vida.

Outra frente importante é fortalecer a segurança energética do país por meio da ampliação da capacidade de geração de eletricidade. Nesse sentido, a Aneel prevê uma entrada de 10,3GW de capacidade, sendo que 2,1GW vão atender ao mercado regulado e 8,2GW para o Mercado Livre de Energia e autoprodução. Vale lembrar que pequenas e médias empresas, como padarias, supermercados e farmácias, já podem acessar o Mercado Livre de Energia desde o início do ano, permitindo uma redução nas contas de energia na ordem de 35% — uma economia considerável.

Além disso, há a regulamentação do mercado brasileiro de hidrogênio, elemento considerado o combustível do futuro. Sua capacidade de gerar descarbonização apresenta enorme

potencial sobretudo pela possibilidade de reduzir as emissões de carbono, principalmente na indústria pesada e em transportes. Com potencial para substituir os combustíveis fósseis, há empenho do mercado em investir US\$ 30 bilhões nessa área.

Nós, no Banco do Brasil, incentivamos a transição da sociedade e dos clientes a uma economia de energia mais verde, financiando a aquisição de sistemas de energia renovável e eficiência energética, como painéis solares e equipamentos mais eficientes. Recentemente, financiamos a construção de um complexo de energia solar de R\$ 34,4 milhões em Goiás, por meio do Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste (FCO), beneficiando a economia local com energia mais acessível e sustentável. As sete usinas solares somam uma capacidade de produção de 9,8MWh e visam compensar a energia utilizada por empresas locais de pequeno e médio porte por meio de contratos de arrendamento. Para se ter uma ideia, essa capacidade é suficiente para fornecer eletricidade para aproximadamente 4.900 residências.

Queremos construir uma jornada sustentável com benefícios para todos por meio de uma estratégia que leva em consideração os impactos Ambientais, Sociais e de Governança nos negócios. Somos guiados por nossa Agenda 30 BB e por nossos Compromissos para um Mundo + Sustentável, que estabelecem metas de apoio a energia renovável, agricultura sustentável, captações de recursos ASG e ampliação da diversidade em cargos de liderança.